



Análises

12/11/2011 - *Occupy Wall Street* e a crítica à representação política americana.....p.01

Inspirado nas revoltas no Oriente Médio e nas acampadas do Movimento dos Indignados na Espanha, o movimento *Occupy Wall Street* desponta como voz crítica à influência corporativa no processo democrático, à atual desigualdade econômica e às consequências da crise financeira. Destacando-se pela independência frente aos partidos políticos – Democrata e Republicano – e pela ampla mobilização em um país tão marcado pelo individualismo, o movimento aponta para uma possível crise da representação política americana.

12/11/2011 - ETA: realmente o fim?.....p.08

Passados três dias da Conferência de Paz de San Sebastián, o anúncio de abandono das atividades armadas pelo grupo separatista ETA não representa o seu fim do mesmo enquanto entidade política e de suas demandas. Embora recebida de forma otimista pela maioria dos interessados, a declaração pode não ser posta em prática, e certamente, deixa dúvidas se o conflito, principalmente, identitário, que ocupa parte dos territórios espanhol e francês, poderá realmente chegar a uma resolução.

12/11/2011 - Os 10 Anos antes e depois do ataque às Torres Gêmeas.....p.15

Os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 se apresentaram como um marco na política internacional pós-Guerra Fria com o desenvolvimento da Guerra ao Terror, com a transformação da ideia e da prática da violência e, também, com a forma com que os Estados interagem entre si. Nos 10 anos após o ataque, com Osama bin Laden morto, ainda é possível considerar os desafios que o terrorismo apresenta à ordem internacional.

Occupy Wall Street e a crítica à representação política americana

Análise

América

Daniel Teixeira da Costa Araujo

12 de Novembro de 2011

Inspirado nas revoltas no Oriente Médio e nas acampadas do Movimento dos Indignados na Espanha, o movimento *Occupy Wall Street* desponta como voz crítica à influência corporativa no processo democrático, à atual desigualdade econômica e às consequências da crise financeira. Destacando-se pela independência frente aos partidos políticos – Democrata e Republicano – e pela ampla mobilização em um país tão marcado pelo individualismo, o movimento aponta para uma possível crise da representação política americana.

Inspirado nas recentes revoltas no Oriente Médio, sobretudo no Egito, e nas acampadas do Movimento dos Indignados na Espanha, o movimento *Occupy Wall Street* (OWS) consiste em um movimento popular iniciado em 17 de setembro de 2011 no Parque Zuccotti, batizado pelos manifestantes de Liberty Square, em Wall Street, o centro financeiro de Manhattan e, desde então, vem se espalhando por outras cidades americanas.

Ao levantar a pauta de reivindicações do movimento OWS e o alcance de suas críticas às instituições políticas e financeiras americanas, a presente análise se propõe mostrar que, além da demonstração de um descontentamento geral para com a incapacidade do governo em lidar com as consequências da crise financeira de 2007/2008, o movimento reflete uma possível crise político-institucional que ultrapassaria o governo de Barack Obama. Com isso, pretende-se discutir a possibilidade de esse evento, em um país como os EUA, com pouca tradição de mobilização de massas, estar revelando o mal funcionamento das instituições e uma crise do modelo da

representação política americana, isto é, a de uma democracia representativa enquanto governo do povo e para o povo.

Origem do Movimento OWS

Em meados de julho de 2011, com o objetivo de protestar contra a influência corporativa no processo democrático, a crescente desigualdade econômica e a falta de medidas legais por trás da recente crise financeira global, o grupo ativista canadense *Adbuster Media Foundation* lançou a proposta: “Ocupem Wall Street: vocês estão prontos para um momento Tahrir? No dia 17 de setembro¹, venham em grande número para Manhattan, montem barracas, cozinhas, barricadas pacíficas e ocupem Wall Street”².

Com a ajuda do grupo de hackers *Anonymous*, a ideia rapidamente se difundiu pela internet, reafirmando o

¹ O grupo *Adbusters Media Foundation* escolheu essa data para coincidir com o Dia da Constituição dos Estados Unidos da América, comemorado todo dia 17 de setembro.

² <http://www.adbusters.org/blogs/adbusters-blog/occupywallstreet.html>

papel vital que mídias e redes sociais vêm exercendo na difusão de movimentos de resistência sem liderança. É interessante destacar que esses meios estão sendo usados também como ferramentas de pesquisa de opinião para tomadas de decisão em grandes assembleias em tempo real.

O editor da revista *Adbuster*, Micah White, disse para o jornal *The Vancouver Courier* que, através da lista de e-mails da revista, eles apenas lançaram a ideia, que foi espontaneamente recebida, e assim pessoas e ativistas independentes cuidaram de toda a organização, construindo *websites*, postando *tweets* e promovendo encontros semanais que precederam o acampamento.

Apesar das acusações de ser um movimento amorfo e sem agenda política definida, sua principal bandeira é a crítica ao poder corrosivo exercido por bancos, instituições financeiras e corporações multinacionais sobre o processo democrático americano. Colocando-se sob o slogan “somos os 99%”, criticam o fato de o 1% mais rico da população definir as regras e leis que regem a economia global e que afetam a vida de todos – lembrando apenas que essa porcentagem é simbólica. Pode-se depreender daí uma outra crítica levantada pelo movimento, a de uma possível crise da representação política dentro da democracia americana.

A *démarche* das assembleias e das tomadas de decisão

Em seus processos de tomadas de decisão, o movimento tem usado a cartilha proposta pela Comissão para Dinâmicas de Grupo nas assembleias do acampamento de Puerta del Sol³, em

Madrid, a qual basea-se no consenso não-vinculativo (*non-binding consensus*) de um corpo participativo de tomada coletiva de decisão, conhecido como Assembleia do Povo.

Partindo da concepção de pensamento coletivo, segundo o qual, ao invés de duas pessoas com opiniões contrárias se confrontarem para convencer o oponente da verdade de seus argumentos, elas trabalharão juntas para estabelecer algo que ainda não havia sido considerado. Com isso, visa-se a conformação de uma ideia nova, uma síntese das ideias apresentadas a serviço do bem comum, construída a partir de consenso direto (proposta-consenso) ou consenso indireto, isto é, alcançado após debate sobre uma proposta em que não se conseguiu o consenso direto. Entendem, portanto, consenso como a construção coletiva de uma solução ou de uma decisão sobre um interesse comum, sendo, nesse caso, não-vinculativo por não ser imutável, pois pode ser alterado coletivamente em uma outra ocasião.

As reuniões têm formatos variados, como grupos de trabalho, assembleias locais e assembleia geral, e propósitos distintos, tais como informativo, reflexivo ou decisório. Tomam parte do processo todos os participantes, ficando a mediação a cargo de equipes de logística, coordenadores, facilitadores, dentre outros, sempre sob os princípios da organização horizontal (sem diferenças hierárquicas), da autonomia e da ausência de liderança.

Uma plataforma política em progresso

Convém ressaltar que a acusação de falta de plataforma política do movimento, feita principalmente pela imprensa em geral, não é infundada, pois, inicialmente o movimento foi composto por grupos heterogêneos e independentes, o que impossibilitou a apresentação de uma

³ Para mais informações acesse:

<http://takethesquare.net/2011/07/31/quick-guide-on-group-dynamics-in-peoples-assemblies/>

pauta. Porém, nas assembleias que se seguiram após a ocupação, a pauta de reivindicações e, consequentemente, a identidade do movimento foi ganhando forma através do processo de tomada de decisões descrito acima.

No primeiro número de “The Occupy Wall Street Journal”, uma publicação própria, há um documento que sintetiza as posições do movimento, a Declaração da Ocupação⁴. Aprovada em consenso em 29 de setembro de 2011 pela Assembleia Geral da Cidade de Nova York, órgão maior do movimento, mais do que apresentar soluções ou alternativas, essa declaração direciona o alvo de seus ataques às forças corporativas, as quais são acusadas de colocarem o lucro em detrimento das pessoas, o interesse próprio acima da justiça e a opressão sobre a igualdade. O documento também lista uma série de razões que justificam seus ataques, dentre as quais destacam-se as de terem tomado casas hipotecadas através de um processo ilegal de embargo, de terem arruinado o sistema agrícola através da monopolização, de terem feito os estudantes reféns de dívidas de custeio de educação, de terem usado a terceirização para cortar pagamentos e assistência à saúde dos trabalhadores e de continuarem determinando a política econômica do país, apesar das falhas catastróficas que suas políticas produziram.

Assim, em um espírito de democracia direta, pregam a organização pacífica, a cooperação entre as pessoas e a ação participativa na elaboração de alternativas.

Democracia real e representação política

Em artigo da *Foreign Affairs*, em 11 de outubro de 2011, Michael Hardt e Antonio

Negri⁵ ressaltam o fato de os protestos em Wall Street denunciarem a inadequação do sistema de representação política, entretanto consideram que a questão não diz respeito somente à ineficiência ou corrupção de determinado político ou partido, mas também à possibilidade de o movimento OWS se transformar em um genuíno processo constituinte democrático. Desse modo, para Hardt e Negri, embora a mensagem mais evidente de OWS seja a de que os bancos e instituições financeiras não representam a população, a falha da representação política pode ser mais significativamente atribuída aos políticos e partidos que, encarregados de representarem o povo, representam antes os interesses de bancos e credores.

Apesar de o movimento poder se tornar um ponto de disputa entre Democratas e Republicanos nas próximas eleições em 2012⁶, a reivindicação por democracia real e a experiência de novas práticas democráticas nos acampamentos podem trazer novos desafios a esses partidos. Hardt e Negri apostam na probabilidade de não se criar nenhum líder nem representante político a partir do movimento, devido à sua estrutura de participação horizontal. Para eles, de uma maneira geral, esses acampamentos, dentre os quais OWS, estão denunciando, com uma maturidade inesperada, a obsolescência da democracia atual e a necessidade de um processo de refundação da democracia.

Tea Party de esquerda?

⁵ Michael Hardt é professor de literatura na Duke University e Antonio Negri, ex-professor de Ciências Políticas das Universidades de Padua e Paris 8.

⁶ Para mais informações acesse:

http://www.nytimes.com/2011/10/11/us/politics/wall-street-protests-gain-support-from-leading-democrats.html?pagewanted=1&_r=3&smid=fb-nytimes

⁴ <http://www.nycga.net/resources/declaration/>

O movimento foi apontado como o correspondente de esquerda do movimento *Tea Party*⁷, o qual tem dirigido a culpa da recessão à administração Obama e pedido a redução dos gastos do governo. Porém, segundo Sidney Tarrow⁸, em artigo para a *Foreign Affairs*, OWS é um movimento completamente novo, diferente inclusive dos movimentos de direito civil⁹.

Tarrow retoma a divisão do sociólogo Charles Tilly, segundo a qual movimentos podem ser classificados em três tipos: 1) de acordo com a política que reivindicam; 2) de acordo com o eleitorado que afirmam representar; e 3) de acordo com as identidades que eles tentam construir. Assim, o que diferiria o OWS é que tanto o *Tea Party* quanto os movimentos dos direitos civis combinam apenas os dois primeiros pontos, ao passo que OWS se afirma sob a divisa “nós estamos aqui” e dizem apenas “reconheçam-nos”, o que demonstra a busca de uma identidade ainda não definida e justifica a pauta política ainda difusa. O ataque que fazem a Wall Street não é dirigido ao capitalismo como tal, mas sim ao sistema de relações econômicas que se perdeu e falhou na assistência à população¹⁰.

Para Tarrow, as comparações com as manifestações da grande depressão dos anos 1930 são notáveis: ausência de agenda política definida, porém reivindicam reconhecimento e mudança radical nas relações entre governo, população e corporações; alta taxa de desemprego; crise econômica de

amplitude global; presença de forças obscuras e reações em curso, como a lei anti-imigração aprovada recentemente no Arizona e Alabama o demonstram; e os pedidos dos políticos por selvagens reduções de gastos. Porém, Tarrow acredita que o movimento OWS não levará a um outro *New Deal*¹¹ devido à conjuntura diferente, já que a Casa Branca e o Partido Democrático não oferecem hoje a liderança que Roosevelt exerceu, como demonstra a fala de Obama após reconhecer a irritação dos manifestantes, assegurando, porém, apoio ao setor financeiro.

Segundo Russ Roberts¹², os manifestantes têm razão ao dizer que Washington mimou Wall Street, pois nos últimos 25 anos, Washington tem atuado a favor de Wall Street no sentido de garantir que os credores de grandes instituições financeiras em dificuldade recebam 100% do que lhes é devido. De acordo com Roberts, nas últimas duas décadas, a política do governo tem sido a do *laissez faire* no que diz respeito a lucros e socialista com relação às perdas dos credores, o que os encoraja a assumirem riscos imprudentemente financiados com grandes quantias de dinheiro emprestado. Roberts compactua com o ataque dos manifestantes à simbiose entre Wall Street e Washington, porém também não o considera um ataque ao capitalismo em si.

A fonte real da desigualdade e do desemprego americanos

Tendo em vista a pauta de críticas e reivindicações do movimento OWS, convém discutir rapidamente uma das

⁷ Ver : <http://www.teapartypatriots.org/about/>

⁸ Sidney Tarrow é professor emérito da Cornell University.

⁹ Para mais informações acesse:

<http://www.watson.org/~lisa/blackhistory/civilrights-55-65/>

¹⁰ Para uma opinião de ataque ao capitalismo, ver o discurso de Slavoj Zizek no acampamento do OWS : <http://boitempoeditorial.wordpress.com/category/colunas/slavoj-zizek/>

¹¹ Série de programas econômicos implementados nos Estados Unidos entre 1933 e 1936 pelo governo Roosevelt em resposta à Grande Depressão.

¹² Russ Roberts é professor de Economia na George Mason University e pesquisador da Hoover Institution da Stanford University.

causas do desemprego atual nos EUA, um dos pontos onde reside a desigualdade existente hoje na sociedade americana.

Na *Foreign Affairs* de novembro-dezembro de 2011, Richard Katz¹³ critica a afirmação de que a China e outros países em desenvolvimento estariam roubando empregos dos EUA e a culpabilização da globalização pelo substancial crescimento da desigualdade no país. Katz não nega que o país perdeu postos de trabalho nas últimas décadas, porém, considera que, com ou sem globalização, economias maduras reduzem empregos em indústrias devido à maior produtividade do setor industrial e que é comum essas economias gastarem menos em bens e mais em serviços. Além do mais, o aumento da produtividade tende a ser maior em indústrias do que nos serviços, comparação válida também para o setor agrícola. Como prova, Katz afirma que a China reduziu em 12 milhões os empregos no setor industrial entre 1996 e hoje, triplicando, porém, sua produtividade.

Para Katz, o principal causador dos problemas de desigualdade nos EUA são as condições políticas e sociais domésticas. Apesar do salário real ter aumentado nos últimos anos, ainda que menos que a renda nacional, as políticas fiscais, a excessiva desregulamentação financeira e a tendência de remuneração corporativa moveram a renda para os mais ricos dentre os ricos. Katz reconhece o papel da globalização no emprego e na evolução dos salários dos trabalhadores do setor produtivo, mas frisa a parcela de culpa das políticas do governo nesse dano e acredita que, em um mundo globalizado, os trabalhadores americanos terão que sacrificar seus salários para preservar seus empregos e que o país como um todo terá que sacrificar eficiência e crescimento para equalizar a renda.

Nesse mesmo sentido, Antônio Delfim

Neto, para a *Folha de São Paulo*, elenca alguns dados que corroboram a análise de Katz, como a redução da renda *per capita* nos EUA desde 1996, o aumento do desemprego de 4,8% em 2008 para 9,2% em 2010 e a perda de patrimônio das famílias devido à queda do valor dos imóveis em decorrência da crise financeira. Um outro dado importante trazido por Delfim Neto é o levantamento do Gallup de 15 e 16 de outubro de 2011, o qual aponta que 64% dos consultados acreditam que a crise é atribuída ao governo federal, 30% às instituições financeiras e 5% não tinham opinião formada. Porém, Delfim Neto vê tal resultado como injustiça, pois a inércia do governo na crença na autoregulação dos mercados vem desde as administrações Clinton e Bush.

Considerações finais

É bastante significativa uma mobilização de tamanha amplitude em um país marcado por uma expressiva tradição individualista e quase ausência de cultura de manifestações de massa. Talvez a ausência de tais manifestações fosse reflexo do bom funcionamento das instituições e da representação política do jogo democrático, as quais atualmente dão sinais de fraqueza. Espera-se que a convivência no acampamento e a experiência de novas práticas de participação política possam contribuir para a mudança do atual sistema democrático americano, fortemente atrelado a corporações e instituições financeiras.

Sobre o futuro do movimento, como aponta Tarrow, movimentos “nós estamos aqui” ou aparecem e arrefecem rapidamente ou se desintegram em reivindicações e interesses particulares ou se fundem a setores organizados com pauta e identidade política próprias. Assim, ainda é cedo para falar sobre o futuro do OWS, porém, o movimento é

¹³ Richard Katz é editor do *The Oriental Economist Alert*, um relatório periódico sobre o Japão.

bem sucedido na crítica dirigida ao setor corporativo e seus facilitadores em Washington, sinalizando que há uma nova força pedindo mudanças nas bases da sociedade americana.

O movimento OWS apresenta condições para revigorar o debate político americano, porém será necessário que consolide sua agenda política para não vê-la se diluir na pauta de outros movimentos ou partidos políticos.

A ânsia dos manifestantes para que a justiça recaia sobre os verdadeiros causadores da crise financeira de 2007/2008 é legítima. Porém, algo necessário e, talvez, de mais difícil assimilação por parte da população americana será aceitar que a reivindicação de redução da desigualdade econômica deva ser algo almejado para toda a população mundial, o que passará por uma redução do consumo interno dos Estados Unidos e por mudanças de hábitos em direção a ações mais sustentáveis.

Isso trará provavelmente consequências como redução de salários, perda de eficiência produtiva e crescimento menor, o que parece justificável quando se tem, como a convicção americana frequentemente o demonstra, na democracia um meio para se atingir, não só liberdade, direitos civis e autodeterminação dos povos, mas também igualdade e justiça social.

Referência

Al Jazeera

<http://english.aljazeera.net/indepth/features/2011/11/201111172558820962.html>

<http://english.aljazeera.net/indepth/opinion/2011/10/20111030111545619.html>

Folha de São Paulo

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opini>

[ao/fz2610201106.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opini)

Foreign Affairs

<http://www.foreignaffairs.com/articles/136399/michael-hardt-and-antonio-negri/the-fight-for-real-democracy-at-the-heart-of-occupy-wall-street?cid=soc-facebook-snapshots-the-fight-for-real-democracy-at-the-heart-of-occupy-wall-street-101211>

<http://www.foreignaffairs.com/articles/136401/sidney-tarrow/why-occupy-wall-street-is-not-the-tea-party-of-the-left?>

<http://www.foreignaffairs.com/articles/136609/russ-roberts/occupy-wall-street-and-washingtons-history-of-financial-bailouts?cid=soc-facebook-snapshots-occupy-wall-street-and-washingtons-history-of-financial-bailouts-102411>

<http://www.foreignaffairs.com/articles/136594/richard-katz-robert-z-lawrence-michael-spence/manufacturing-globalization>

<http://www.foreignaffairs.com/articles/136404/rory-mcveigh/how-occupy-wall-street-works>

Le Monde

http://abonnes.lemonde.fr/ameriques/article/2011/10/11/anti-wall-street-ils-estiment-que-leurs-dirigeants-ne-les-representent-plus_1585889_3222.html

New York Times

http://www.nytimes.com/2011/10/15/business/in-private-conversation-wall-street-is-more-critical-of-protesters.html?_r=1&smid=fb-nytimes&WT.mc_id=BU-SM-E-FB-SM-LIN-IPC-101511-NYT-NA&WT.mc_ev=click

http://www.nytimes.com/2011/10/22/us/politics/wall-st-protest-isnt-like-ours-tea-party-says.html?_r=1&smid=fb-nytimes&WT.mc_id=PO-SM-E-FB-SM-LIN-WSP-102211-NYT-NA&WT.mc_ev=click

The Vancouver Courier

<http://www.vancourier.com/Adbusters+sparks+Wall+Street+protest/5466332/story.html>

Washington Post

http://www.washingtonpost.com/opinions/occupy-what-else-six-new-culprits-for-economic-inequality-in-america/2011/11/01/gIQAfiQvjM_story.html?hpid=z3%3Futm_campaign%3Dwpa&socialreader_check=0&denied=1

Ver também:

<http://occupywallst.org/about/>

<http://takethesquare.net/2011/07/31/quick-guide-on-group-dynamics-in-peoples-assemblies/>

<http://www.nycga.net/resources/declaration/>

<http://www.adbusters.org/blogs/adbusters-blog/occupywallstreet.html>

<http://occupywallst.org/article/enacting-the-impossible/>

<http://boitempoeditorial.wordpress.com/category/colunas/slavoj-zizek/>

Palavras-chave:

Movimento *Occupy Wall Street*; Crise Econômica; Democracia; Representação Política.

ETA: realmente o fim?

Análise

Europa

Ricardo Bezerra Requião

12 de Novembro de 2011

Passados três dias da Conferência de Paz de San Sebastián, o anúncio de abandono das atividades armadas pelo grupo separatista ETA não representa o seu fim do mesmo enquanto entidade política e de suas demandas. Embora recebida de forma otimista pela maioria dos interessados, a declaração pode não ser posta em prática, e certamente, deixa dúvidas se o conflito, principalmente, identitário, que ocupa parte dos territórios espanhol e francês, poderá realmente chegar a uma resolução.

“**E**TA decidiu por fim definitivo à sua atividade armada”. Com essas palavras, três membros encapuzados do grupo ETA (Euskadi Ta Askatasuna; em *euskara*: Pátria Basca e Liberdade), do País Basco, anunciaram, pela rede Gara, dia 20 de outubro, o fim das ações armadas, exercidas há 52 anos, principalmente em território espanhol.

O País Basco (em basco, Euskal Herria, que será o nome utilizado nesta análise) é uma comunidade autônoma do norte da Espanha, submetida ao governo espanhol, mas que inclui territórios também no sudoeste da França (como a cidade de Biarritz), sendo cortada pelos Pirineus e banhada pelo Golfo de Biscaia. Na região, em muito diferente do resto da Província Ibérica, existem movimentos separatistas desde o século XIX, baseados, essencialmente, na herança cultural distinta, expressa principalmente no idioma, *euskara*, que, ao contrário das línguas do resto do continente, não tem origem indo-europeia, e, segundo estudos lingüísticos, se aproxima de idiomas caucásicos e africanos.

O ETA é uma organização revolucionária basca de libertação nacional, fundada durante o regime Franquista, em 1959, que, desde então, tem efetuados ataques, considerados pelos EUA e pela União

Europeia como “terroristas”, a autoridades e a civis.¹

Com este pronunciamento, o grupo se comprometeu em cessar as atividades armadas. Porém, já havendo feito o mesmo anteriormente, esta análise abordará o que pode resultar deste último pronunciamento, em relação às demandas e à própria continuação do ETA enquanto entidade política.

A Conferência de Paz de San Sebastián

O pronunciamento² – sobre um possível fim para o maior conflito guerrilheiro da Europa³ – foi efetuado três dias após a Conferência de Paz de San Sebastián, organizada por grupos nacionalistas bascos em parceria com o International Contact Group (ICG) e com a presença de Kofi Annan, antigo Secretário-Geral da ONU; Bertie Ahern, Primeiro-Ministro irlandês; sindicatos, Igreja basca, e organismos sociais.

¹ Para mais informações, leia [País Basco: a atuação do ETA a reivindicação separatista](#).

² Para consultar o pronunciamento: <media.gara.net/adierazpena_es.pdf>.

³ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/espanhois-ficam-esperancosos-com-anuncio-do-fim-da-luta-do-eta.html>

O ICG é um grupo especializado em resolução de conflitos, que participou, inclusive, dos acordos de cessar-fogo entre o IRA (Exército Revolucionário Irlandês) e o governo britânico. O Grupo – liderado pelo sul-africano Brian Curry, que integrou as negociações dos conflitos na África do Sul e na Irlanda – que tentava, desde janeiro⁴, entrar em contato com o ETA, apresentou, ao fim da Conferência, uma resolução a ser seguida pelo grupo separatista para o término dos ataques armados, que já mataram 864 civis e mais de 500 policiais e deixaram milhares de feridos. A Conferência⁵ reitera aquela de 2006, que planejava estipular o ponto inicial da resolução de conflitos, mas que não obteve sucesso, uma vez que o grupo extremista não respeitou o cessar-fogo⁶.

A mesma não contou com a participação do PP (Partido Popular), de centro-direita, que tradicionalmente se recusa a dialogar – oficialmente, ao menos, conforme afirma *The Guardian*⁷ – com o ETA, por não legitimar suas demandas; e do governo Zapatero, Primeiro-Ministro espanhol do PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol), que recusou o comprometimento com a Conferência, embora não tenha se manifestado contra.

Porém, a um mês das eleições parlamentares, o anúncio chega em boa hora para ambos os partidos, que são os principais concorrentes ao cargo de Primeiro-Ministro. Os socialistas, que descreveram o pronunciamento do ETA como uma vitória da democracia, almejam

que ele funcione como alavanca eleitoral para se manterem no poder, tendo em vista a vitória, nas pesquisas, dos candidatos do PP. Entretanto, é notório, como apresenta o *La Vanguardia*⁸, que vai ser o partido eleito em 20 de novembro o responsável pela negociação propriamente dita – problemas como a situação e o julgamento dos presos políticos, e o destino dos armamentos utilizados pelo grupo – com o ETA, em paralelo com o governo francês, sendo o possível “coletor” dos méritos de um processo de negociação bem-sucedido.

Percepções sobre o pronunciamento

A população espanhola saudou com cautela o anúncio do ETA, uma vez que, o grupo já rompeu com um cessar-fogo em 2006 e com outros no passado. Mariano Rajoy, candidato do PP, considerou que o pronunciamento “é um passo importante, mas a tranquilidade dos espanhóis só será completa quando ocorrer a dissolução irreversível do ETA e seu completo desmantelamento”⁹.

O PP, junto com famílias de vítimas do ETA e lideranças do PNV (Partido Nacionalista Basco), exige, mais que o cessar das hostilidades armadas, que haja a desagregação do ETA enquanto grupo político, de forma que a vitória se concretizará quando o grupo separatista se dissolver inteiramente. O presidente da Associação de Vítimas do Terrorismo confirma o ceticismo: “é o comunicado que esperamos, mas não o que queríamos”¹⁰.

O líder do PP, Antonio Basagoiti, declarou que o pronunciamento é inaceitável para um regime democrático, pois “equipara as

⁴ Em 10 de janeiro, o ETA havia anunciado, autonomamente e de forma unilateral, uma trégua com o governo espanhol. O último atentado do grupo se deu em agosto de 2009.

⁵ A Conferência, paradoxalmente, teve lugar do Palácio da Aiete, que foi residência do ditador Francisco Franco, hoje transformado num centro de estudo dos Direitos Humanos.

⁶ O ETA rompeu o acordo de cessar-fogo de 2006 com um ataque ao Aeroporto de Barajas, em Madri. Para mais informações, leia [O grupo separatista basco ETA anuncia cessar-fogo permanente](#).

⁷ <http://www.guardian.co.uk/world/2011/oct/16/eta-end-violence-basque-spain?INTCMP=SRCH>

⁸ <http://www.presseurop.eu/pt/content/press-review/1083401-eta-diz-basta-luta-armada>

⁹ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/uniao-europeia-celebra-o-anuncio-do-fim-da-luta-armada-do-eta.html>

¹⁰ Idem.

vítimas a verduras”¹¹, isto é, não representaria nenhuma medida quanto às ações prévias do ETA e o impacto que estas produziram nas famílias e sociedades atingidas. Basagoiti defende, portanto, que as ações do governo espanhol para com o ETA não deveriam se restringir à aceitação – passiva, na sua visão – do comunicado. As únicas diferenças entre a declaração atual e pronunciamentos prévios do grupo seriam a participação e a cobertura internacionais que esta recebeu: “a literatura e a parafernália internacional dão razão aos cinquenta anos de terror”¹². José Maria Aznar, ex-Primeiro-Ministro pelo PP, afirmou, de acordo com a *BBC Brasil*¹³, que Zapatero “implorou” o anúncio do fim do grupo para reverter as tendências eleitorais.

Já Patxi López, *lehendakari* (presidente de Governo Autônomo) de Euskal Herria – que recebeu a notícia do pronunciamento em Nova York, onde promovia empresas bascas – avaliou positivamente o comunicado, sendo que o fim do ETA é esperado há muito tempo por todos em Euskal Herria e fora dela, por representar a única ameaça à sociedade basca: “o conflito se chama ETA”, conforme veiculado no *The Guardian*¹⁴. Assim, uma era sem violência terrorista começaria.

O chefe do executivo basco clamou a população a reforçar, a partir de então, a unidade, a convivência e, principalmente, a liberdade, afirmando que a Conferência foi a epítome de anos de esforço dos cidadãos em não ceder ao terrorismo. Juntamente, reafirmou o compromisso com a memória de todos os mortos, reconhecendo as dores das famílias destruídas.

¹¹<http://www.presseurop.eu/pt/content/news-brief-cover/1065101-eta-com-os-dias-contados>

¹²Idem.

¹³http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/10/111017_eta_analise_fn.shtml

¹⁴<http://www.guardian.co.uk/world/2011/oct/21/eta-ends-violence?INTCMP=SRCH>

Os demais partidos dividiram opiniões: Jesús Eguiguren, líder do PSE-EE (braço basco do PSOE) agradeceu aos representantes internacionais presentes na Conferência e reiterou o discurso de Zapatero, de que “nossa democracia ficará sem terrorismo, mas não sem memória”¹⁵. Já, a Esquerda Abertzale – tanto a parte ilegal, Batasuna, quanto as legalizadas, Bildu e Amaiur – se pronunciou em defesa do direito de autodeterminação de Euskal Herria, por vias pacíficas, e da liberdade dos bascos de decidir seu futuro.

Os independentistas criticam, dessa forma, a atitude de “partidos cada vez mais minoritários que mantêm discursos negadores do conflito e seguem defendendo um futuro de ganhadores e perdedores que é a antítese da convivência democrática”¹⁶. Isto é, não querer que o ETA tenha possibilidade de participar politicamente – por meios legitimados – já seria, em si mesma, uma medida de afronta aos princípios democráticos.

A Esquerda Abertzale – muitas vezes confundida com o próprio ETA – inclui o Batasuna (“Unidade”), que foi banido em 2003, devido à proximidade com o ETA; o Bildu (“Reunir”), que, autorizado pelo Tribunal Constitucional Espanhol, se tornou a primeira força municipal em número de vereadores bascos; e, o Amaiur, que reúne diversas forças políticas de esquerda e apresentou, às vésperas, sua candidatura às eleições de novembro, pretendendo levar ao Parlamento a causa separatista.

No nível internacional, as recepções do anúncio foram otimistas. A Casa Branca – assim como o presidente da União Europeia, Herman van Rompuy –

¹⁵<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5425470-EI8142,00-Zapatero+comemora+anuncio+da+ETA+e+a+vitori+a+da+democracia.html>

¹⁶http://politica.elpais.com/politica/2011/10/22/actualidad/1319238119_289719.html

reconheceu o esforço do governo espanhol em acabar com o conflito, mas sublinhou que o pronunciamento é apenas um primeiro passo. Reiterou-se, ainda, que se deve pensar nas vítimas do ETA e no efetivo cumprimento das promessas.

Nicolas Sarkozy, Presidente francês, parabenizou especialmente o Primeiro-Ministro espanhol e garantiu que o Eliseu continuará apoiando a Espanha na garantia da paz e da democracia.

O Secretário-Geral da ONU, Ban Ki-moon, em comunicado oficial¹⁷, afirmou que espera que este seja “o fim de um capítulo trágico na história da Espanha”, que o governo espanhol deve contribuir para que o fim da violência seja permanente e que as vítimas de qualquer tipo de terrorismo não devem ser esquecidas.

Desdobramentos possíveis do pronunciamento

De todo o apresentado, pode-se concluir que o anúncio do ETA, em sequência à Conferência de Paz de San Sebastián representa não “o” fim do ETA, mas, no máximo, “um” fim, uma vez que, as demandas políticas permanecerão. O cessar das atividades armadas não significa o fim das demandas políticas do grupo extremista.

Dessa forma, o fim da violência do grupo está longe de representar a inexistência do ETA enquanto entidade política – representativa – e ideológica. O processo pode, portanto, resultar ineficaz – como os anteriores –, possibilitando, inclusive, a reaparição de atividades armadas no futuro. Declarações de cessar-fogo já deram origem, em outros contextos, ao reagrupamento da entidade opositora ao governo e ao surgimento de grupos menores – células – de resistência, que recuperam o uso da violência como meio

de ação.

Desta maneira, o fim da violência direta – nesse caso, representada pelo ataques do ETA às autoridades e à sociedade civil – pode levar apenas, conforme Galtung (1969), à paz negativa, isto é, à suspensão das causas diretas e materiais do conflito, mas não à paz positiva, que seria o fim das razões estruturais que baseiam tal conflito. Por se tratar de um conflito de raiz étnica, intrinsecamente relacionado a diferenças de identidades, é preciso agir com prudência antes de comemorar uma Espanha sem carros-bomba pelas ruas, sensação que já foi sentida anteriormente, em outros momentos de promessas de cessar-fogo.

Até mesmo a rápida resposta do ETA à Conferência deve ser ponderada, visto que, em circunstâncias anteriores – como os Acordos de Bruxelas e Gernika, ambos de 2010, que propunham cessar-fogo –, as respostas do grupo separatista, se existiram, demoraram a ser expressas e nunca com tal abrangência como a de agora. A descontinuação da ação tradicional do ETA – bem dito, dos ataques armados – leva a pressão social para dentro do aparato estatal.

Numa visão otimista, pode-se considerar o pronunciamento como o início de um “fazer diferente” por parte do ETA. É, portanto, necessário que o ETA seja integrado às discussões políticas. A manutenção do grupo extremista enquanto representante de demandas políticas não deve ser negligenciada. A participação política é um dos pilares de um regime democrático.

Se a promessa de abandonar as atividades armadas se tornar um curso efetivo de ação, o pronunciamento vai ter sido um passo extremamente representativo para a política local e um ganho para a democracia espanhola, num momento, onde crises sociais no país põem em dúvida a efetividade deste regime, principalmente quanto ao atendimento das diversas demandas sociais.

¹⁷<http://www.un.org/News/fr-press/docs/2011/SGSM13893.doc.htm>

Dessa forma, é preciso que o governo espanhol, aliado, necessariamente ao governo autônomo basco, para que possa usufruir de legitimidade nas suas ações – e, também, embora em menor intensidade, ao governo francês, devido à localização geográfica de Euskal Herria – mostre que a democracia é mais forte que as armas. Neste momento, não cabem discursos eleitoreiros, uma vez que, suspeitas de aproximação entre a esquerda e o ETA se tornam enfraquecidas, e o argumento já não pode ser guiado nesta direção.

O fato de a declaração do ETA não abranger temas como a dissolução do grupo e o desarmamento, contudo, torna frágeis as futuras discussões com o grupo. O governo, não podendo forçar a continuação das negociações, terá que agir cautelosamente, inclusive, quanto à negociação da memória.

Ademais, o pronunciamento não deve ser visto como uma solução para a situação basca¹⁸. Para a sociedade espanhola, já marcada pela violência estatal durante uma das mais longas ditaduras do continente e pelas centenas de mortes atribuídas ao ETA, o fim dos conflitos diretos é não mais que simplesmente um alívio.

Conforme comunicado da Associação de Vítimas do Terrorismo, “não se pode deixar que a derrota do ETA se transforme em triunfo e que a impunidade seja a moeda de troca num momento em que a organização [o ETA] se encontrava asfixiada e derrotada”¹⁹, ou seja, deve-se

¹⁸ É visível ainda que, paradoxalmente, nem a própria população de Euskal Herria tem claro seus objetivos, pois estando já integrada à Espanha política e economicamente, a continuação da exigência de independência traz um futuro incerto. Ainda, que afastada culturalmente do resto do país, talvez o custo de se manter sendo “Espanha” seja menor do que o de formar um Estado-nação soberano.

¹⁹<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5428972-EI8142,00-Espanha+celebra+fim+da+violencia+do+ETA+lembrando+vítimas.html>

evitar que o grupo saia como vitorioso em relação à democracia, tendo escolhido, por si mesmo, o momento de mudar de atitude. Isto não quer dizer que se deve negar ao grupo a participação, enquanto partido reconhecido e legitimado, do jogo democrático. Mas, neste momento não cabe o reconhecimento de vencedores ou vencidos. A negociação política será efetiva e profícua se os dois lados se reconhecerem como legítimos, e, em certa medida, iguais. É necessário compreender que o primeiro passo para “o” fim – não do ETA, mas dos conflitos quanto à questão basca – pode ter sido dado. Destarte, cabe agora ao governo espanhol reconhecer de forma equilibrada as demandas do grupo extremista, para que sua inserção no jogo político democrático seja bem sucedida.

Referência

BBC Brasil

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/10/111017_eta_analise_fn.shtml

El País

http://www.elpais.com/articulo/espana/foro/San/Sebastian/intenta/final/ETA/elpepinac/20111017elpepinac_1/Tes

http://politica.elpais.com/politica/2011/10/22/actualidad/1319238119_289719.html

http://www.elpais.com/articulo/espana/Batasuna/dice/fin/ETA/cierra/conflict/elpepiesp/20111022elpepinac_7/Tes

http://www.elpais.com/articulo/pais/vasco/Fiesta/paz/Nueva/York/elpepiesppvs/20111022elpvas_2/Tes

G1

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/espanhois-ficam-esperancosos-com->

[anuncio-do-fim-da-luta-do-eta.html](http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/grupo-separatista-basco-eta-anuncia-fim-da-luta-armada-jornal-3.html)

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/grupo-separatista-basco-eta-anuncia-fim-da-luta-armada-jornal-3.html>

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/uniao-europeia-celebra-o-anuncio-do-fim-da-luta-armada-do-eta.html>

GALTUNG, Johan. *Violence, Peace, and Peace Research.* In: *Journal of Peace Research*, vol. 6, no. 3 (1969), pp. 167-191.

Gara

<http://www.gara.net/>

International Contact Group

<http://icgbasque.org/>

Le Figaro

<http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2011/10/17/97001-20111017FILWWW00522-violence-decision-d-eta-cette-semaine.php>

<http://www.lefigaro.fr/international/2011/10/21/01003-20111021ARTFIG00609-l-espagne-dubitative-apres-l-adieu-aux-armes-de-l-eta.php>

<http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2011/10/22/97001-20111022FILWWW00498-eta-manifestations-a-bilbao.php>

Operamundi

http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniaio/ETA+50+ANOS+DEPOIS+A+C+AMINHO+DO+FIM_1671.shtml

PressEurop

<http://www.presseurop.eu/pt/content/news-brief-cover/1065101-eta-com-os-dias-contados>

<http://www.presseurop.eu/pt/content/>

[press-review/1083401-eta-diz-basta-luta-armada](http://www.presseurop.eu/pt/content/press-review/1083401-eta-diz-basta-luta-armada)

RFI

<http://www.portugues.rfi.fr/geral/2011/021-lideres-saudam-decisao-de-eta-de-parar-aco-es-armadas>

Terra

<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5426972-EI8142,00-ETA+para+separatistas+fim+da+violencia+nao+acaba+com+conflito.html>

<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5428972-EI8142,00-Espanha+celebra+fim+da+violencia+do+ETA+lembrando+vitimas.html>

<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5425470-EI8142,00-Zapatero+comemora+anuncio+da+ETA+e+a+vitoria+da+democracia.html>

The Economist

<http://www.economist.com/blogs/newsbook/2011/10/terrorism-spain>

The Guardian

<http://www.guardian.co.uk/world/2011/oct/16/eta-end-violence-basque-spain?INTCMP=SRCH>

<http://www.guardian.co.uk/world/2011/oct/21/eta-timeline-history-short?INTCMP=SRCH>

<http://www.guardian.co.uk/world/2011/oct/21/eta-ends-violence?INTCMP=SRCH>

The Independent

<http://www.independent.co.uk/news/world/europe/after-43-years-of-bloodshed-eta-agrees-to-lay-down-its-weapons->

[2373787.html](#)

Palavras chave: Europa. Espanha. País Basco. ETA. Terrorismo. Conferência de Paz de San Sebastián.

Os 10 Anos antes e depois do ataque às Torres Gêmeas

Análise

América

Rúbia Rodrigues

12 de Novembro de 2011

Os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 se apresentaram como um marco na política internacional pós-Guerra Fria com o desenvolvimento da Guerra ao Terror, com a transformação da ideia e da prática da violência e, também, com a forma com que os Estados interagem entre si. Nos 10 anos após o ataque, com Osama bin Laden morto, ainda é possível considerar os desafios que o terrorismo apresenta à ordem internacional.

A política do início do século XXI¹ é marcada pela relativa significância entre dois eventos próximos: a chegada de Osama bin Laden na cena internacional e de George W. Bush (RUNCIMAN, 2006, p. 5-6). Não é consenso dizer que os ataques de 11 de Setembro mudaram “tudo” na política internacional, mas, ao menos, mudou a política externa estadunidense voltada à tentativa de desmantelamento da tática terrorista, a forma com que os países interagem entre si e fez emergir novas preocupações no sistema internacional, como a prática da violência, uma vez que as aspirações do momento eram otimistas com o fim do conflito bipolar entre Estados Unidos e União Soviética.

No ano da década após o 11 de Setembro, um novo cenário surge combinado ainda às preocupações com a definição e a ocorrência do terrorismo. A morte de Osama bin Laden representa o maior êxito dos gastos à estratégia global de combate ao terrorismo. Diversos países do Oriente Médio e Magreb sofrem revoltas populares contra seus ditadores, eventos que recebem o nome de Primavera Árabe,

que desenvolvem mudanças políticas no Egito, na Líbia e no Iêmen e que provocam uma expectativa quanto à manutenção ou a reorientação de alianças com os países do Ocidente. E ainda, as maiores potências dos EUA e da União Européia enfrentam uma profunda crise econômica capaz de gerar questionamento aos gastos que alguns países alocam em torno de sua defesa.

Fim da Guerra Fria

O fim da Guerra Fria apresentou a emergência de uma série de oportunidades nas relações internacionais derivadas da interdependência econômica, política e tecnológica entre os Estados. Depois de 1989 (ou 1991) as considerações acerca dos países com problemas econômicos e políticos no mundo não necessitavam de se orientar a partir de um conflito de maior abrangência entre as superpotências. Pensou-se, então, na globalização do mundo e no aprimoramento das relações entre os Estados, a partir da iniciativa de maiores possibilidades de cooperação. Até que a queda das Torres Gêmeas apresentasse o lado negro das novas possibilidades da ordem que se desenvolvia (RUNCIMAN, 2006, p. 5-6). Naquele momento a política externa americana não considerava o terrorismo ou o islamismo radical como uma prioridade de segurança. Em contrapartida, ocorridos os eventos de 11

¹ Esta análise é uma reflexão a partir do Seminário “10 Anos do 11 de Setembro” realizada nos dias 12 e 13 de Setembro pelo Departamento de Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas.

de Setembro, a administração de George W. Bush voltou seus esforços à Guerra ao Terror (*Global War on Terror* - GWOT, em inglês), afirmando que “quem não está conosco, está com os terroristas” e ao desmantelamento dos grupos que utilizavam o terrorismo como tática para atingir seus resultados.

Guerra ao Terror e a Morte de Osama bin Laden

A natureza dos conflitos mudou em 11 de Setembro na medida em que houve uma combinação híbrida da violência para além do combate entre Estados, mas entre Estados e grupos e também, entre os próprios grupos.

As novas ameaças terroristas se configuram como algo tão imenso que necessita de cooperação internacional para enfrentá-las, o que significa que os Estados Unidos não podem lidar com essa ameaça sozinho. Entretanto, para além das operações conjuntas com outras potências, desde 11 de Setembro os Estados Unidos iniciaram, para além de outras iniciativas unilaterais, três operações militares². A *Operation Enduring Freedom* (OEF) que envolve prioritariamente a guerra do Afeganistão e outras pequenas operações das Filipinas ao Djibuti, relacionadas à *Global War on Terror* (GWOT) e que se iniciaram desde os ataques e que continuam até os dias atuais. A *Operation Noble Eagle* (ONE) que pretende prover segurança nas bases militares dos Estados Unidos. E por fim, a *Operation Iraqi Freedom* (OIF), iniciada no outono de 2002 e com a invasão do Iraque em março de 2003 nas operações de estabilidade e contra-insurgência desse país. Essas operações juntamente com gastos de

operações diplomáticas e de cuidados médicos somam a quantia de 1,28 trilhões de dólares.

Desde que iniciada a Guerra ao Terror, o presidente Barack Obama³ considera que a morte do principal chefe da organização terrorista Al Qaeda⁴ ocorrida em 01 de Maio deste ano representou o êxito mais significativo desde o início dessa estratégia global. A operação secreta na cidade de Abbottabad no Paquistão surpreendeu a população mundial ao anúncio da morte do terrorista mais procurado pelos Estados Unidos, mas que, entretanto, não pode decretar o fim da Al Qaeda. O seu desmantelamento, e de qualquer grupo que se insira no fenômeno do terrorismo é complexo dado que algumas de suas organizações possuem uma descentralização com algum nível de hierarquia que dificulta a idéia de extinção ao terrorismo internacional.

Considerações Finais

Além da criação de uma retórica voltada ao inimigo que sobrevaloriza os efeitos dos ataques ao World Trade Center, as torres gêmeas, e ao Pentágono em 2001, a dinâmica de interação entre os Estados certamente mudou, dado a necessidade de uma cooperação inter-estatal capaz de lidar com o fenômeno terrorista. Da mesma forma, o terrorismo mesmo já existindo há tempos antes do ataque de 11 de Setembro, ainda apresenta complexidades em defini-lo que se refletem no aperfeiçoamento de seu combate.

O terrorismo deve ser entendido como um meio para atingir metas políticas de determinados grupos. Em 11 de Setembro a Al Qaeda destruiu um dos maiores arranha-céus do mundo e atingiu o mais

² Para mais informações sobre as três operações militares bem como seus custos, acesse o documento da Federation of American Scientists “The Cost of Iraq, Afghanistan, na Other Global War on Terror Operations Since 9/11” de Amy Belasco: <http://www.fas.org/sgp/crs/natsec/R133110.pdf>

³ O discurso de Barack Obama na ocasião da morte de Osama bin Laden está disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=Ellnd3M8-ow>

⁴ A Al Qaeda é responsável pelos atentados de 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos da América (EUA).

poderoso centro de defesa nacional como forma de representar sua insatisfação às ações estadunidenses no mundo, em contrapartida, gerou a resposta da Guerra ao Terror que ainda continua a intervir em países do Oriente Médio, principalmente os diretamente envolvidos Afeganistão e Iraque.

A dificuldade em definir o terrorismo se reflete na complexidade de lidar com esse fenômeno que se liga a diversos grupos, em diferentes partes do mundo e com distintos objetivos políticos. Por outro lado, os países adotam políticas que mudam os papéis e as identidades de não somente atores estatais, mas também, os atores não-estatais cada vez mais influentes no sistema internacional e que reconsideram a noção de violência e os cálculos dos atores para atingirem seus objetivos políticos.

O cenário atual oferece algo bastante distinto daquele apresentado uma década atrás. A ascendência do papel de atores não-estatais é visto através do cenário atual de revoltas populares contra os líderes autoritários em países como o Egito, a Líbia, o Iêmen, a Síria e da Autoridade da Palestina assim como os movimentos que surgem a partir da população contra os líderes das maiores potências do mundo que enfrentam uma crise econômica global⁵.

As dificuldades na arena da cooperação internacional, então, permanecem tanto na área da política de segurança quanto nas tentativas de se gerar uma ação conjunta para solucionar as dificuldades financeiras e econômicas.

Referência

BELASCO, Amy. The Cost of Iraq, Afghanistan, and Other Global War on Terror Operations Since 9/11. **Federation of American Scientists**. 29 march 2011.

Disponível em:

<<http://www.fas.org/sgp/crs/natsec/RL33110.pdf>>

LASMAR, Jorge. **Managing Great Powers in the Post Cold War World: Old Rules, New Game?** The Case of the Global War on Terror. Disponível em:

<http://stockholm.sgir.eu/uploads/Jorge%20Lasmar%20SGIR.pdf>

RUNCIMAN, David. **The Politics of Good Intentions**. Princeton: Princeton University Press, 2006.

Chatham House

<http://www.chathamhouse.org/media/comment/view/177923>

Folha Online

<http://www1.folha.uol.com.br/especial/2011/10anosdo11desetembro/>

Foreign Affairs - "Ten Years After 9/11" September-October 2011

Le Monde - "La Décennie bem Laden" Hors-série, Septembre 2011

The Economist - "Ten Years On" 3 September 2011

<http://www.economist.com/node/21528258>

Palavras-Chave: 11 de Setembro, Estados Unidos, Guerra Fria, Guerra ao Terror, Ordem Internacional, Terrorismo.

⁵ O Occupy Wall Street é um exemplo desses movimentos que se originam a partir da população contra os representantes das instituições políticas e financeiras americanas e que também estão presentes em países da Zona do Euro.

Conjuntura Internacional

Pontifícia Universidade Católica – MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Vice-reitora: Prof^a. Patrícia Bernardes

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais:
Prof. Danny Zahreddine

Coordenação do Curso de Relações Internacionais:
Prof. Danny Zahreddine

Coordenação-Geral:
Prof. Leonardo César Souza Ramos

Conselho acadêmico:
Prof. Danny Zahreddine
Prof. Jorge Mascarenhas Lasmar
Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Membros: Daniel Teixeira da Costa Souza; Déborah Silva do Monte; Gustavo dos Santos de Miranda; Márcia de Paiva Fernandes; Mariana Balau Silveira; Paulo Henrique Ayusso; Pedro Casas Vilela Magalhães Arantes; Rafael Bittencourt Rodrigues Lopes; Raysa Kie Takahasi; Ricardo Bezerra Requião.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av. Dom José Gaspar 500, Instituto de Ciências Sociais,
prédio 47, sala 105 - Coração Eucarístico - Belo Horizonte -
MG - CEP 30535-901 Tel: (31) 3319-4495 email:

ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>